

Especial

Da resistência ao pertencimento

A construção da identidade afro-latino-americana ocorre de maneiras diferentes para cada mulher. Para a bacharel em direito e criadora dos projetos Pretitudes e Pretitudes Educa, Nonny Gomes, 37 anos, reconhecer-se como uma mulher latino-americana foi resultado de um processo de aprendizado. "É um processo, e esse processo envolve estudo, sentimento de pertencimento. Talvez seja muito óbvio, geograficamente falando, para muitas pessoas, mas o tornar-se, o assumir essa identidade envolve muita construção."

Ela explica que foi por meio do trabalho com educação que passou a compreender melhor temas como latinidade e ancestralidade. Em sua família, as raízes também são parte essencial da identidade. "As mulheres da minha família são nordestinas, a maioria esmagadora do Maranhão, são quebradeiras de coco, benzedoras. As presenças indígenas e negra são muito fortes para a gente", destaca.

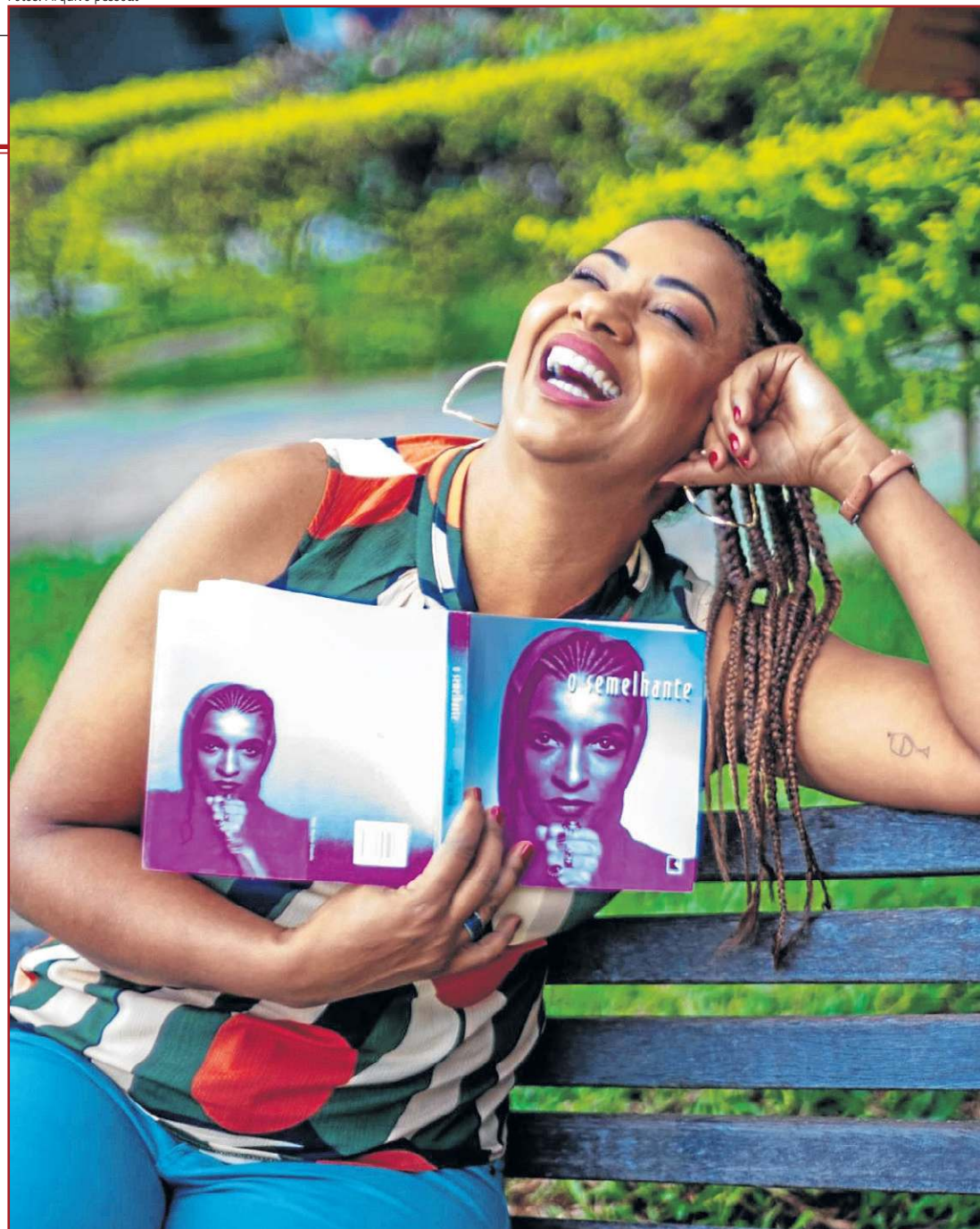
Essa herança aparece especialmente na espiritualidade. "Todas as mulheres da minha família sabem fazer alguma garrafada, e isso nos aproxima muito de nossas raízes indígenas e negras."

Nonny acredita que as brasileiras conhecem a existência da América Latina, mas ainda aprofundam pouco essa relação. "Poderíamos explorar mais esse saber, saber mais sobre o Brasil, sobre o continente e sobre como foram formadas as coincidências latinas que carregamos", diz.

Ao falar de sua própria vivência, ela lembra que identidade também é plural. "Sou uma mulher brasileira, latino-americana, negra e também uma mulher com deficiência auditiva unilateral. Em algum ponto minha experiência é semelhante à de algumas mulheres latinas, mas em diversos outros ela é diferente."

Para ela, homenagear Tereza de Benguela é também enfrentar o apagamento histórico. "É de suma importância justamente por contar sobre a resistência de quem veio antes e permitiu que estivéssemos aqui hoje. Tereza foi uma, mas existem tantas outras pioneiras que contribuíram de diversas formas."

Sua mensagem para as novas gerações é um convite permanente ao conhecimento. "Invistam em conhecimento. Não somente o acadêmico, mas também o ancestral, o político, o conhecimento do próprio corpo e da própria mente."



Para a psicóloga Kátia Lima, a educação continua sendo um dos principais instrumentos de transformação

Histórias compartilhadas

A psicóloga, professora e palestrante Kátia Lima, 46, compartilha uma percepção semelhante. Para ela, reconhecer-se como mulher latino-americana significa compreender que a história das mulheres negras brasileiras dialoga com experiências de outras mulheres do continente. "Compartilhamos uma história marcada pela diversidade, pela resistência e pelas desigualdades construídas ao longo da colonização."

Ao lembrar da própria trajetória, ela destaca o papel da mãe e das mulheres da família. "Minha mãe era uma mulher muito forte e me fortaleceu contando histórias de meus antepassados escravizados em Minas Gerais. Minhas avós e minha mãe não puderam estudar, mas

abriram caminhos para que eu pudesse ocupar espaços historicamente negados às mulheres negras", ressalta.

Segundo Kátia, a sensação de distanciamento entre Brasil e América Latina ainda existe, mas diminui quando as pessoas conhecem outras realidades do continente. "Estive na Colômbia em 2023 e pude constatar nossas semelhanças históricas, culturais, gastronômicas e de resistência."

Ela acredita que a educação continua sendo um dos principais instrumentos de transformação. "Conhecer a própria história é uma forma de fortalecer o futuro. Nunca deixem que outras pessoas definam quem vocês são", diz.

Para a antropóloga Naira Gomes, identidade é uma construção política em permanente disputa. "Identidade é algo basilar para qualquer indivíduo. Ancestralidade é basilar para a construção de qualquer comunidade."